

FORMAS DE REVER OS NÓS QUE HABITAM A CASA: Uma análise autobiográfica sobre os espaços

FORMAS DE REVISAR LOS NUDOS QUE VIVEN LA CASA: Un análisis autobiográfico de los espacios

Camila Teixeira Nuñez DUTRA<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo procura abordar a casa como parte do inconsciente, que se torna consciente através da vivência da artista. O texto é construído através de uma linha que atravessa o labirinto onírico pela poética fotográfica e pelas significâncias dentro do contexto pandêmico contemporâneo, vivenciado a partir de 2020. Este artigo traz consigo desfechos de um processo artístico, partindo dos sonhos da artista até a convivência com os espaços que a cercam em tal contexto. Assim, são abordadas questões que vão desde uma análise psicanalítica dos sonhos até a literatura enquanto potência para o desenvolvimento de uma poética em torno de costuras de espaços, sendo este o da casa, perpassando o espaço do sonho e indo até o espaço registrado pela fotografia.

Palavras-chave: Arte Contemporânea, poética visual, labirinto, casa, linha.

## ABSTRACT

Este artículo busca tratar la casa como parte del inconsciente, que se vuelve consciente a través de la experiencia del artista. Construida a través de la línea que atraviesa el laberinto onírico a través de la poética fotográfica, y de trascendencia dentro del contexto pandémico contemporáneo vivido desde 2020. Esta lectura trae consigo el resultado de un proceso artístico, partiendo de los sueños del artista, hasta convivir con los espacios que la rodean. en tal contexto. Así, se discuten temas que van desde el análisis psicoanalítico de los sueños hasta la literatura como un poder para el desarrollo de una poética en torno a las costuras de los espacios, siendo este el de la casa, atravesando el espacio del sueño y pasando al espacio de grabación de la fotografía.

Palabras clave: Arte Contemporáneo, poética visual, laberinto, casa, línea.

1 Bacharel em Artes Visuais – Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e mestranda em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM na linha de poéticas visuais. Integrante do Grupo de Pesquisa Momentos Específicos/CNPq.

## FORMAS DE REVER OS NÓS QUE HABITAM A CASA: Uma análise autobiográfica sobre os espaços

Sonhei que estava em uma casa que era quase um labirinto – suas portas de saída tanto para pátio como para o prédio, se assemelhavam. O apartamento parecia estar vazio, sem móveis, mas eu sentia a presença de algumas pessoas por ali. A sensação que tive era de que aquele espaço era vermelho, mesclado com uma iluminação alaranjada. Dentro dele, era preciso descer e subir escadas para encontrar a porta de saída. No primeiro momento, subi todas as três escadas e fui parar em uma área de serviço com um tanque de roupas.

Pensei em me jogar escada abaixo, porém, consegui flutuar; com pressa, como se alguém dali estivesse à minha procura. Finalmente encontrei a outra porta, a de saída, e tive acesso ao pavilhão do prédio. Ali, haviam grades a serem abertas, um pouco mais longe de onde eu estava. Era noite, e a iluminação naquele segundo espaço continuava amarela.

Sonhei, insuportavelmente com um labirinto exíguo e nítido: no centro havia um cântaro; minhas mãos quase o tocavam, meus olhos o viam, mas tão intrincadas e perplexas eram as curvas, que eu sabia que ia morrer antes de alcançá-lo (BORGES, J. L. 2018, p. 10).

O inconsciente onírico, ou melhor dizendo, os sonhos têm permeado minhas vivências individuais durante a pandemia. Desde abril de 2020 venho registrando os sonhos que tenho através de um caderno, em que, diariamente, após acordar, registro aquilo que me lembro. O sonho, segundo Sigmund Freud (1900, p. 115) é “(...) a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalçado)”. Portanto, interpreto, de forma livre a partir do que nos conta Freud, o que sonhei como parte daquilo que desenvolvo enquanto pesquisa poética: a ressignificação dos espaços através da vivência com a linha física do barbante.

Pesquisei as potencialidades da materialidade da linha enquanto imagética e também enquanto fisicalidade. Ao buscar a linha do desenho para desenvolver uma pesquisa em torno de sua visualidade, penso a linha como desenho de outras formas: uma delas sendo através das subjetividades que me cercam dentro de um contexto pandêmico onde a casa se tornou o lugar desse convívio intensificado. Os sonhos, por serem registrados através do diário, ajudam a desenvolver um caminho subjetivo à poética do qual o registro escrito é feito após o sono para posteriormente ser revisitado através da fotografia, buscando trazer a relação com os espaços/lugares de convívio à tona perante o corpo da artista que produz desenhos através da materialidade da linha. Expandindo tais espacialidades e trazendo-as para o convívio real, é possível construir pontes destes sonhos com a realidade em que vivemos hoje: confinados em nossos espaços de moradia, devido ao vírus do Covid-19. Gosto de acreditar que estas subjetividades se compõem pelos espaços em que levo as linhas a conversar, criando uma espécie de desenho sobre o espaço. Este desenho é feito pelo corpo que caminha, se movimenta e carrega consigo uma linha que o auxilia a demarcar estes caminhos.

Durante o ano de 2020, a casa foi um lugar de ressignificações para muitas pessoas. Tornou-se o lugar de trabalho e de estudos, além do lugar de moradia e de descanso. Para Gaston Bachelard (1993, p. 200), a “(...) casa é o nosso canto no mundo. Ela é (...) nosso primeiro universo”. A casa é, portanto, o lugar onde nos sentimos acolhidos e preservados.

Com isto, a série de trabalhos denominados “Femme Maison” (1947-1994), de Louise Bourgeois (1911-2010), no qual mulheres-casas são representadas através de aquarelas e esculturas de mármore, obras que questionam a identidade feminina perante o espaço que as envolve. Assim, o que por um momento nos é acolhedor, neste caso passa a ser um martírio da vida urbana.

Louise Bourgeois é uma renomada artista francesa que realiza em seus trabalhos uma espécie de uma autobiografia através de sua infância, cujas questões remetem a uma análise psicanalítica de seu trabalho. Bourgeois (2000, p. 202-203) nos diz: “Eu sou meu trabalho. Não sou o que sou como pessoa”, e ainda: “(...) Meu corpo é minha escultura” (BOURGEOIS, 2000, p. 228). Buscando através da integração com o material uma visualidade fugaz, a artista produz uma análise do que faz e, conseqüentemente, uma análise de si mesma, na construção de sua própria obra.

Louise Bourgeois acreditava que sua obra era parte de si, como se partes de Bourgeois estivessem espalhadas como crías de suas esculturas de aranhas, que chocaram inúmeros ovos, ou mesmo como uma teia que se tece pelo mundo inteiro. Reconhecer que “Femme Maison”, ou mesmo a sua obra mais conhecida “Maman” (1999), são parte do que ela acreditava como sendo parte de si, é reconhecer a potencialidade de autoconhecimento através de uma poética artística que abrange as universalidades que extrapolam o íntimo pessoal.

No contexto pandêmico em que vivemos no Brasil desde março de 2020, alguns de nós pudemos sentir o forte impacto que o espaço da casa nos causou, uma vez que este se tornou um dos espaços de maior concentração de convívio, fosse consigo mesmo, fosse com quem nela habita ou com a própria mobília que nos cerca). A casa como espaço único de pesquisa para o desenvolvimento de uma poética artística desdobra pensamentos subjetivos sobre os espaços que ocupamos, pensando a linguagem da instalação como esse espaço de morada (a casa como espaço de exposição) e a fotografia como linguagem de registro.

Ao inverter os papéis da casa, inverte-se a ideia de morada e, portanto, a memória que se constrói de tal lugar. Utilizar a casa como parte de um espaço que constrói a poética é fazer uma análise autobiográfica, como apresenta Bourgeois em “Femme Maison”? “Todas as partes da casa se repetem muitas vezes; todo lugar é outro lugar” (BORGES, 2018, p. 62).

No conto “A casa de Astérion”, Jorge Luis Borges (1899-1986) nos conta a vivência do Minotauro, monstro da mitologia grega que vive em um labirinto na cidade de Creta. Notemos a solidão de Astérion no conto de Borges, que confunde as partes da casa, mas brinca com tal sentimento: “Mas de tantas brincadeiras, a que prefiro é a do outro Astérion. Finjo que ele vem me visitar e lhe mostro a casa” (BORGES, J. L., 2018, p. 61). Hoje, vemo-nos da mesma forma: perdidos mesmo em meio a tão poucos compartimentos, iludidos com a nossa própria presença.

Se ressignificar lugares da casa é olhar para cada canto, cada móvel, cada peça que há dentro de determinado espaço com tamanha surpresa e curiosidade, posso afirmar que nos encontramos no mesmo labirinto que o próprio Minotauro. A linha de Ariadne é o guia desse percurso a ser tomado no labirinto, portanto, quando somos guiados por ela dentro de um espaço tão conhecido por nós, mas que ressignificado ganha outros aspectos, a linha traz consigo a possibilidade de novos caminhos.

A linha, para Wassily Kandinsky (1970, p. 61) “É o rastro do ponto em movimento (...)”. E por ser movimento, a linha traz consigo a possibilidade de enredo. Ao enredar-se, torna impossível continuar percorrendo caminhos, espaços, sendo necessário um tempo até desenredar o nó.

Durante o ano de 2020 resolvi, enquanto pesquisadora de linhas, revisar os nós que habitam minha casa, revendo os resquícios de instalações feitas em outros momentos, mais oportunos para exposições em espaços expositivos. Tais nós, metafóricos ou não, quase impossíveis de serem desfeitos sem corte, ou melhor, de barbantes que poderiam ser aproveitados em outros trabalhos, acabam se tornando um enredo em meio ao labirinto de minha casa. Ao observá-los ocupando o espaço da visão e impedindo de seguir caminho, resolvi retornar aos nós e com isso dedicar um tempo para escutá-los.

Voltar para minha cidade natal, depois de um ano sem retornar devido à pandemia do Covid-19, fez com que a realidade se mesclasse com as imagens de sonhos. A casa natal, frequentada pelos sonhos durante o tempo de isolamento social, trazia-me o desejo de estar lá, naquele espaço de quando era criança. Bachelard nos conta que: “Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança, é viver na casa desaparecida como nós sonhamos” (BACHELARD, 1993, p. 207). Portanto, estar ali, presente ou virtualmente, é buscar partes do que não vivenciei enquanto criança, trazendo à tona imagens do subconsciente a uma possível poética.

Primeiramente, ocupei os móveis da casa e registrei as ocupações. Escrevi a respeito e percebi que faltava o que estava por trás da câmera. Nas tentativas de edição, foi possível construir uma imagem fantasmagórica aos moldes do que via no trabalho de Louise Bourgeois, em que o desenho do corpo da mulher se mesclava com a casa. Ali, o corpo fantasmagórico trazia a carga dos nós e dos móveis que suportavam os pesos de tais linhas.

Mesmo assim, olhando para as imagens depois de feitas, editadas e pensadas, não havia percorrido o caminho certo dentro do labirinto de ideias nas quais estava inserida. Mas retornei ao ponto do nó quando me vi novamente na casa onde nasci, buscando, juntamente com minha mãe desatar os nós que havia feito sozinha. Como Bourgeois, que vê a aranha como uma metáfora para falar de sua mãe que era tecelã e protetora, vejo em minha mãe a origem da relação que trago com as linhas e barbantes. Minha avó costureira e minha mãe crocheteira, ambas lidaram com os nós desde que se conhecem por mulheres. Assim, creio que trabalhar com linhas é saber lidar com os nós.

Com um novelo de corda em mãos, desenrolei até tirá-la de seu suporte. Mesmo sem saber o que fazer naquele momento, sabia que ao movimentar a corda as possibilidades de criação se tornariam concretas. Busquei os nós naquele “desenrolo” e, de encontro, coloquei-os em cima da cama de minha mãe, registrando o momento. Minha mãe, como boa feitora de nós, sentou-se comigo à cama, de modo que o amontoado de corda/nó localizado no meio da cama interligava nossos corpos. Essa representação pode ser vista na Figura 1, fotografia da Série “Aquilo que habita em nós”, que ainda está em processo de desenvolvimento.

Figura 1: Imagem da Série "Aquilo que habita em nós". Fotografia e colagem digital. 2021.



Fonte: arquivo pessoal.

Tal imagem me remeteu à fotografia “Por um fio” (1976) da Série “Fotopoemação”, de Anna Maria Maiolino (1942-), em que um fio interliga a artista no centro da fotografia a sua filha e sua mãe, uma de cada lado, construindo uma narrativa de vínculo geracional. Aqui, na fotografia que apresento, o vínculo é construído pela linha que perpassa nossos corpos e se perde onde acaba a cama. Fios estes que, como aborda a personagem Jenny McLaine, do livro “Adultos” (2020) de Emma Jane Unsworth (1978-), passam de mãe para filha e de avó para neta:

Penso que, quando ela era um feto no útero da minha avó, já tinha óvulos dentro de si, e que um desses óvulos se tornaria eu. O que fazia com que nós três estivéssemos lá, em um só corpo, de uma única vez (UNSWORTH, E. J., 2020, p. 232).

Linhas que interligam gerações de mãe pra filha e inconscientemente criam narrativas poéticas que se interligam em determinados pontos, dentro do labirinto onde habitamos como Ariadnes que somos.

O crochê de minha mãe, a renda de origem Nhanduti<sup>2</sup> e as costuras de minha vó foram as primeiras referências na construção com linhas que tive, desde o berço até a fase adulta. Lidar com linhas é saber lidar com as particularidades de nossas vidas, é saber remendar nós e tecidos difíceis de cruzar com a agulha, mas que ainda assim sabemos a forma como se cruza a agulha pelo nó já feito. A poética da linha, mesmo que tratada por inúmeras mulheres e alguns homens artistas, consegue ser particular àquele que tece.

A casa é o lugar de abrigo, assim como o útero de nossas mães um dia já foi. A linha é a matéria que escolhi, assim como outras gerações anteriores a mim, para percorrer essas casas. Percebo, depois de quase dois anos de pesquisa, que os espaços que meu corpo passava/trabalhava eram espaços que meu inconsciente construiria morada. Até hoje sonho com a sala vazia do museu, que vivi durante quatro dias, dispondo de papéis para depois desenhar, com um pincel feito de barbantes, e, em seguida, percorrer no sentido contrário ao desenho já feito, inserindo mais barbantes por cima das folhas a fim de conferir a outras pessoas a possibilidade de percorrer o labirinto.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

BOURGEOIS, L. **Destruição do pai**, reconstrução do pai. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

FELIPPI, Vera. **Renda de Nhanduti**. Museu Moda e Têxtil UFRGS. 2017. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/mmt/learning\\_objects/Rendas%20nhanduti.pdf](https://www.ufrgs.br/mmt/learning_objects/Rendas%20nhanduti.pdf)>. Acesso em 22 mar 2021.

Folha. **Anna Maria Maiolino ganha retrospectiva no Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles**. 2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/anna-maria-maiolino-ganha-retrospectiva-no-museu-de-arte-contemporanea-de-los-angeles.shtml>> Acesso em 10 fev 2020.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Imago. 1900.

Fundação Iberê. **Louise Bourgeois: uma vida que entrou para a história da arte**. Disponível em: <<http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/>> Acesso em 09 fev 2020.

KANDINSKY, Wassily. **Ponto, Linha, Plano. Contribuição para análise dos elementos picturais**. Lisboa: Edições 70. 1970.

Globo Ciência. **Segundo Sigmund Freud os sonhos são a manifestação do inconsciente**. 2012. Disponível em: < <http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2012/07/segundo-sigmund-freud-os-sonhos-sao-manifestacao-do-inconsciente.html>> Acesso em 09 fev 2020.

TATAY, Helena. **Anna Maria Maiolino**. Trad. Claudio Alves Marcondes e Gênese Andrade. São Paulo: Cosac Naify. 2002.

UNSWORTH, Emma Jane. **Adultos**. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2020.